

## A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Evelly Carla Dias Matias <sup>1</sup>  
José Edilson Cardoso Rodrigues <sup>2</sup>

### RESUMO

A categoria de paisagem na geografia escolar possibilita ao educando percepções das diferenças entre paisagens naturais e urbanas, ou seja, levando a estes a compreendendo a divisão existente entre os aspectos naturais e antrópicos de nosso planeta. A partir desta percepção, em diversos livros didáticos a definição de paisagem é encontrada como um conjunto de elementos naturais e culturais que podemos enxergar nos lugares que vivenciamos ou vemos, percebe-se assim, que o sentido do ver se torna essencial para a compreensão da paisagem. Entretanto, é importante frisar que em nossas salas de aulas comuns poderemos ter educandos que não possuem um ou mais sentidos, nesta pesquisa se destaca os educandos com deficiência visual. A pesquisa foi desenvolvida na Unidade Educacional Especializada José Álvares de Azevedo, localizada em Belém/PA. A UEES é referência e abrange a região metropolitana no atendimento de alunos com deficiência visual, além de desenvolver trabalhos com a educação Infantil, psicopedagogia, deficiência múltipla, projeto alternativo de alfabetização braille, reabilitação – orientação e mobilidade. O trabalho teve por objetivo analisar as metodologias que estão sendo utilizadas na construção do conceito de paisagem para educandos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental com deficiência visual. Os resultados da pesquisa apontam que na UEES a construção da categoria de paisagem para os educandos com deficiência visual e expressivamente descritiva, não utilizando de outras metodologias para a compreensão dela.

**Palavras-chave:** Construção, Ensino de geografia, Paisagem, Compreensão, Deficiência visual.

### RESUMEN

La categoría paisaje na geografía permite que los alumnos perciban las diferencias entre paisajes naturales y urbanos, es decir, los lleva a comprender la división entre los aspectos naturales y artificiales de nuestro planeta. A partir de esta percepción, en varios libros de texto se encuentra la definición de paisaje como un conjunto de elementos naturales y culturales que podemos ver en los lugares que experimentamos o vemos, comprendiendo así que el sentido de la vista se vuelve esencial para la comprensión del paisaje. Sin embargo, es importante destacar que en nuestras aulas ordinarias podemos tener alumnos que carecen de uno o más sentidos, y en esta investigación destacamos a los alumnos con discapacidad visual. La investigación se llevó a cabo en la Unidad Educativa Especializada José Álvares de Azevedo, situada en Belém/PA. La UEES es un punto de referencia y cubre la región metropolitana en la atención a alumnos con deficiencia visual, además de trabajar con educación infantil, psicopedagogía, pluridiscapacidad, un proyecto alternativo de alfabetización en Braille, rehabilitación - orientación y movilidad. El objetivo de este estudio fue analizar las metodologías que se están utilizando para construir el concepto de paisaje para alumnos con deficiencia visual de 6º a 9º de primaria. Los resultados de la investigación muestran que en la UEES la construcción de la categoría de paisaje para alumnos con deficiencia visual es expresivamente descriptiva, sin utilizar otras metodologías para su comprensión.

<sup>1</sup> Graduanda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará - PPGG/UEPA e Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Ensino de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, [evellymatiasgeo@gmail.com](mailto:evellymatiasgeo@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Professor orientador: José Edilson Cardoso Rodrigues - Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista / Presidente Prudente – UNESP. Professor do Curso de Geografia da Universidade Federal do Pará - UFPA, [Jecrodrigues@ufpa.br](mailto:Jecrodrigues@ufpa.br).

## INTRODUÇÃO

A ciência geográfica tem por maior objetivo o estudo do espaço geográfico e as relações que ocorrem no mesmo, mais precisamente as relações entre os indivíduos ocasionam as modificações dos seus espaços. No ensino de geografia não é diferente, o professor busca fazer com que seus educandos compreendam como essas relações modificam a paisagem e o lugar de onde vivem. No entanto o professor também poderá ter alunos que não possuem um ou mais sentidos, como é o caso de alunos com deficiência visual. O ensino de geografia frente ao ensino de alunos com deficiência visual ainda possui muitas lacunas na construção de metodologias que venham a complementar a construção do ensino/aprendizagem, mais necessariamente a construção do conceito de paisagem, sendo este por sua vez, essencialmente visual. Tendo em vista as dificuldades que perpassam os alunos com necessidades especiais, é necessário que o educador utilize de metodologias que venham a facilitar o ensino/aprendizagem deste grupo.

É importante ressaltar que uma formação voltada para a educação especial dentro da formação tanto inicial quanto continuada se torna essencial para que este educador consiga desenvolver metodologias e práticas educativas que possam incluir esses alunos em suas aulas, tendo em vista que por muitas vezes por falta de uma formação voltada para este grupo esses educandos são excluídos dentro destas salas de aulas.

Desse modo, agregar diferentes métodos de ensino se faz necessário para a efetivação dos conceitos geográficos, e nesta pesquisa, em particular o conceito de paisagem, visto que esse conceito também pode ser apreendido por meio dos outros sentidos que não somente o visual. Em se tratando do ensino de Geografia para alunos com deficiência visual, vale ressaltar que, apesar desse conhecimento se apoiar em grande parte na informação visual, a escolha do conceito de paisagem foi realizada por ser, dentre os demais conceitos, o que apresenta um maior apelo visual.

A Geografia não é a única disciplina que utiliza a observação, a descrição, a comparação e a explicação, mas talvez seja a área que mais necessita desses procedimentos para ser bem compreendida. Muitas vezes, a descrição é vista como única forma de interpretação da paisagem e é definida como a “descrição da Terra”. Mas descrever é apenas um dos momentos do aprendizado, e a observação constitui um ponto de partida para a leitura e a explicação da

**paisagem.** Assim, como trabalhar um conceito tão visível com alunos com deficiência visual? Somente com a descrição dessa paisagem?

A presente pesquisa foi desenvolvida na Unidade Educacional Especializada José Álvares de Azevedo localizada em Belém-PA. Sendo está uma Unidade Educacional Especializada referência no ensino de pessoas com deficiência visual. O objetivo principal desta pesquisa é analisar as metodologias que estão sendo utilizadas na construção do conceito de paisagem para educandos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental com deficiência visual na Unidade Educacional Especializada José Álvares de Azevedo em Belém-PA.

## METODOLOGIA

Os procedimentos da pesquisa pautam-se, a priori, pela análise teórica-conceitual sobre o conceito de paisagem e quais a metodologias utilizadas na construção do conceito no processo de ensino/aprendizagem para os educandos do 6º ao 9º ano com deficiência visual na UEES José Álvares de Azevedo, localizadas em Belém/PA. Como forma de análise o método dialético como via de contrapor dados conceituais e empíricos ao desenvolvimento da pesquisa com a finalidade de ter um embasamento consolidado para explicar os processos metodológicos utilizados na construção do ensino sobre paisagem.

Posterior a isto, foram elaboradas análises sobre o ensino de geografia e construção do conceito de paisagem dentro das salas de aula, por meio de autores de discorrem sobre a temática. A partir das discussões encontradas referente ao ensino de geografia, buscou-se outros autores que discorressem sobre a o processo de inclusão escolar e principalmente em salas de aulas regulares. Trazendo assim, o interesse pela busca de dados referente a inclusão do público-alvo da pesquisa – discentes com deficiência visual – nas instituições de ensino público em Belém/PA, tanto na rede municipal, quanto na rede estadual de ensino.

Posterior aos dados obtidos de escolas que ofertadas vagas para educandos PcDs na capital, se tornou necessário uma coleta de dados de forma empírica, por meio da ida a campo, este primeiro campo por sua vez, foi de caráter exploratório, a fim de confirmar a partir dos primeiros dados coletados, a existência de educandos com deficiência visual nestas instituições.

Podemos visualizar na figura 1, as etapas e os procedimentos que foram necessários para o desenvolvimento da pesquisa como síntese metodológica. Dando suporte para conexão entre os objetivos traçados e os procedimentos teórico-metológicos e empíricos da pesquisa.

**Figura 1:** Etapas e procedimentos da pesquisa



Fonte: Autora, 2023.

O primeiro documento foi o ofício enviados a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA) e a SEMEC/PA a fim de se obter os números de alunos matriculados nos anos de 2021, 2022 e 2023, e onde estes estão matriculados. O segundo passo é ler os decretos e leis (tanto estaduais como nacionais) relacionados ao acesso e permanência desses educandos nas suas respectivas instituições de ensino. Posterior a obtenção das instituições com educandos com deficiência visual, será escolhida três instituições para desenvolver a presente pesquisa.

Após o levantamento das instituições que possuem alunos com deficiência visual em Belém/PA, optou-se por escolher a UEES José Álvares de Azevedo.

Na segunda fase: Foram devolvidas pesquisas em campo na UEES José Álvares de Azevedo para observar sua dinâmica de funcionamento e conhecer um pouco mais sobre a UEES, conhecer os alunos, pais e colaboradores.

A partir dos dados referente ao número de educandos na instituição e o número de alunos com deficiência visual, serão elaborados dois mapas. O primeiro com a finalidade de expor a localização destas instituições em Belém/PA e o segundo para apresentar o número de alunos PcD's matriculados nas redes regulares de ensino e onde estes educandos estão matriculados. Posterior a estes dados serão apresentados alguns espaços destas instituições para uma maior familiarização com o lugar.

Tendo em vista que o público-alvo da pesquisa são menores idade, será apresentado aos pais um termo de consentimento para uso de imagem e voz destes<sup>3</sup>. O qual foi entregue junto com o resumo sobre a pesquisa e seus objetivos.

<sup>3</sup> Termo encontra-se em apêndice.



A terceira fase da pesquisa se deu com as observações feitas em campo nas respectivas instituições sobre a construção do conceito de paisagem para estes educandos com deficiência visual e quais metodologias eram utilizadas na construção do processo de ensino/aprendizagem.

A quarta fase será a análise do conteúdo referente ao conceito de paisagem apreendido pelo aluno a partir das aulas ministradas pelo professor no processo de construção do conhecimento referente a este conceito. Com estes alunos as entrevistas serão abertas para explorar um pouco sobre o que o aluno compreendeu/compreende sobre o que é a paisagem, os educandos terão liberdade para discorrer sobre o tema, sobre suas dificuldades de apreensão e suas sugestões para uma melhor compreensão. Para Boni e Quaresma (2005),

A entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ela é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos (BONI e QUARESMA, 2005, p.74).

Esta pesquisa se desenvolverá com o caráter de observação participativa a qual será vivenciada com os educadores, pais, educandos e colaboradores destas instituições. A pesquisa terá em sua estrutura questionários semi-estruturados para os alunos, docentes e pais. Os questionários serão sobre dados dos alunos, se eles possuem auxílio de salas de recursos em suas escolas, e perguntas sobre como é o seu dia a dia, suas dificuldades dentro de sala de aula e principalmente em relação à compreensão do conteúdo referente à disciplina de geografia.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### A história da educação especial no mundo

Decorrendo ainda sobre o processo histórico, foi na Europa que se iniciaram os primeiros movimentos de atendimento às pessoas com deficiência e estes começam refletir, de fato, algumas mudanças de atitudes e medidas educacionais isoladas. A interpretação dos movimentos diversos da sociedade referente ao processo de exclusão da pessoa com deficiência, como também as primeiras tentativas referentes a atendimentos nos diferentes períodos históricos.

#### Quadro 2: Movimentos de atendimento às pessoas com deficiência

Períodos da História	Mudanças filosóficas no pensar e agir sobre a educação especial e inclusiva no Ocidente.
Antiguidade	Predominava a filosofia da Eugenia (“limpeza da raça”). As pessoas com deficiência eram chamadas de excepcionais e suas deficiências eram entendidas como degeneração da raça humana. Por isso, considerava-se que os “excepcionais” deviam

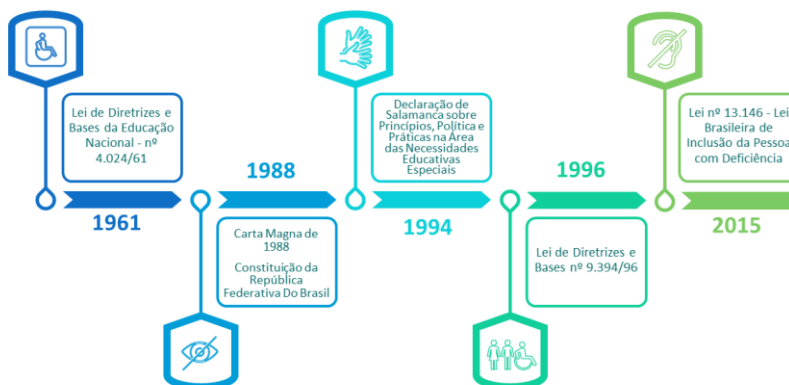
	ser abandonados ou eliminados pelo incômodo que representavam aos seus familiares e à sociedade.
<b>Idade Média</b>	Com o predomínio do pensamento religioso, representado pela Igreja e sua filosofia, os “excepcionais” começaram a ser vistos como pessoas que mereciam caridade e todas as explicações relacionadas ao problema da excepcionalidade da pessoa estavam ligadas à crença de expiação de pecados (ideia de que quem deve ao Senhor, ou seja, é pecador, deve pagar. Por isso, entende-se que uma das formas de castigo dada por Deus aos pecadores seria a deficiência).
<b>Idade Moderna</b>	Nessa época houve o predomínio da filosofia humanística sobre o pensamento religioso, o que significa dizer que o homem passou a ser o centro do universo (antropocentrismo) e não mais Deus (teocentrismo), o que gerou uma maior valorização do ser humano. Assim, iniciaram-se as primeiras observações, estudos e experiências relacionadas à pessoa com deficiência, mas toda a problemática era vista ainda sob o enfoque patológico (da doença, suas causas e sintomas).
<b>Idade Contemporânea</b>	Sua primeira fase representa o início da preocupação com a educação das pessoas “especiais”. Porém, essas deveriam ficar segregadas em instituições especializadas. Na última metade do século XX a educação evoluiu no sentido de não segregar as pessoas com necessidades especiais da sociedade, garantindo-lhes o direito de serem incluídas em todos os níveis da sociedade.

Fonte: adaptação do projeto escola viva, Claudia Werneck (2008, p.18) Apud Arruda (2014, p.35).

## A educação especial no Brasil

Aos poucos a inserção da Pessoa com Deficiência (PcD) na sociedade está sendo contemplada e consolidada, essa preocupação com a inclusão de pessoas que possuem limitações e/ou deficiência é recente em nosso país, a cinco anos atrás foi criado a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), onde antes, esses sujeitos tiveram dificuldades dos direitos à vida em sociedade, principalmente no âmbito escolar.

**Figura 2** – Síntese dos marcos da educação especial e inclusiva



Fonte: Autora (2023).

Conhecer legislação pertinente para pessoa com deficiência é compreender fatos históricos que ocorreram durante o tempo. Dessa forma, em meados do século XX, ocorreu a promulgação da Carta Magna de 1988, juntamente com a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), foram marcos decisórios para o delineamento de políticas públicas, seguido da Declaração de Salamanca (1994) que teve finalidade de assegurar educação como direito de



todos e dever do Estado, tendo este, prover suporte educacional especializado àqueles que necessitam, com oferta de recursos e serviços especializados (BRASIL, 2008). Partindo dessa premissa, compreende-se que os direitos das pessoas com deficiência vêm evoluindo gradativamente, ampliando direitos educacionais, sociais e igualdade de oportunidades, reforçando a necessidade de conhecer tais diretrizes para haja efetiva escolarização de pessoas com deficiência na educação especial e inclusiva.

### **Educação especial e inclusiva no âmbito da geografia: a construção do conceito de paisagem para alunos com deficiência visual na UEES José Álvares de Azevedo**

A Escola de Cegos do Pará foi criada em 1953. A qual passa a ser denominada de “José Álvares de Azevedo”, em 1956, em homenagem ao primeiro brasileiro alfabetizado pelo sistema Braille. (PARÁ, 1996). Segundo a professora Maria Oneide Paiva Cordovil (2002),

O Instituto, em 1963, iniciou a “integração de deficientes visuais, na Rede Regular de Ensino”. Em 1965, passou a desenvolver o serviço de Reabilitação e o Ensino Itinerante com alunos “integrados” na rede regular. A primeira Sala de Recursos foi instalada em 1966, no Grupo Escolar José Veríssimo, hoje Escola de Ensino Fundamental. Existe outra sala na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Vilhena Alves. Atualmente, o Instituto imprime os livros em Braille para os alunos do Ensino Fundamental, os quais são distribuídos pelo FNDE, que estão sendo adaptados pelo IBC e disponibilizados na Internet para alunos da rede pública da capital e do interior do Estado, bem como realiza adaptação do livro didático do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries (RBC 2002, p. 9).

**Figura 3:** Frente da UEES José Álvares de Azevedo



Fonte: Google, 2020.

### **A Paisagem e a Geografia Cultural**

A Geografia Cultural instituída por Carl Ortwin Sauer<sup>4</sup>, de acordo com Myanaki (2003) será responsável pela retomada do conceito de paisagem dentro da ciência geográfica com uma abordagem humanística. Ele traz para a Geografia uma nova conceituação para a paisagem,

<sup>4</sup> Segundo Vargas (2006, p. 160), Carl Ortwin Sauer (1889 – 1975), geógrafo norte-americano, considerado o criador da chamada Escola de Berkeley em 1925. Sauer definiu a paisagem geográfica como o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural. Sauer é autor do clássico estudo “A morfologia da paisagem”, publicado em 1925.

sendo ela então paisagem natural e paisagem cultural e/ou artificial. Seria no entrecruzamento das formas naturais e das formas humanizadas que teríamos, como resultado dessa conexão seria, a paisagem cultural.

Dentro do contexto cultural, a paisagem assume as características daqueles que vivenciam e a transformam. Corrêa (1995) *apud* Tonini (2006, p. 74) evidência que “na paisagem estão impressas as marcas culturais, por meio de uma linguagem cujos significados pertencem a uma determinada cultura”. Ainda no mesmo pensamento, para Claval (1999, p. 14) “a paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e seus esforços para habitar o mundo”. Portanto, a Geografia Cultural se apresenta enquanto subsídio para o nosso estudo a partir do momento em que está nos respalda no estudo de uma paisagem secular em que estão inseridas as instituições, tendo como grande foco analisar as metodologias que os professores usam para construir esta paisagem com os educandos.

Para Claval (1999, p. 318) “o estudo das paisagens constitui um dos capítulos fundamentais da Geografia Cultural”, pois esta é o resultado da vida dos sujeitos, o cenário de seus eventos vividos, dos meios produtivos e da transformação da natureza. É por meio dela, da paisagem, que evidenciamos as marcas presentes de culturas.

A partir da Geografia Humanista a abordagem fenomenológica é a que melhor pode ser utilizada nos resultados referentes a compreensão destes educandos sobre a paisagem, assim como também para a construção do ensino desta pelos educadores. E se respalda os dados obtidos posteriormente no que se refere a percepção, que se dará nos resultados sobre a compreensão dos educandos sobre a paisagem. Criada por Edmund Husserl (1859-1938), de forma conclusiva, é entendida como a busca da compreensão da essência dos fenômenos a partir daquilo que se vê. Portanto, se trata de uma ciência que tem por objetivo compreender o sentido das coisas em sua essência.

Ela será o aporte teórico para valorizar as experiências vividas e observadas no cotidiano destes educandos com os educadores, observando e tentando desenvolver um melhor caminho por meios de metodologias para auxiliar no processo de ensino/aprendizagem dos educandos presente na pesquisa, referente a construção do conceito de paisagem para o público-alvo da pesquisa.

A relação dos educandos cegos com a paisagem, com o espaço vivido, é rico em simbolismo, como também dinâmico, pois sua geograficidade é criada a partir das relações dos que ali estão presentes. Segundo Arruda (2014, p. 67) “A paisagem possui uma materialidade e está mantendo uma relação dialógica do ser no mundo em uma conjunção de momentos vividos, fundamenta a vida cotidiana do ser humano”. Por esta razão, assentimos com Dardel (2011, p.



30) quando este por sua vez, observa que “a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão”, que une todos os elementos”.

Permanecemos, nesta interpretação fenomenológica, apropriando-se da compreensão da paisagem por meio dos sentidos utilizados: a visão, o olfato, o paladar, o tato e a audição. E a paisagem seria o assombro que é causado pela natureza, e a situação afetiva da paisagem é um ponto necessário na fenomenologia, buscando, por tanto, formas de paisagens que somem junto à pesquisa.

Na opinião de Claval (2001, p. 61-62) “a experiência do espaço é feita por meio dos sentidos humanos; as geografias vividas dependem da visão, da audição, do olfato, do gosto e do sentido do tocar” [...]. E para Straus (1935) *apud* Besse (2006, p. 79) “a geografia está do lado da percepção e a paisagem do lado do sentir”. Se torna importante salientarmos novamente o que é a paisagem para Santos (1996, p. 67-68), “esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” Santos (1996, p. 68) reforça afirmando que “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos”.

Apesar disto, com as leituras aqui apresentadas e discutidas, torna-se essencial uma reflexão acerca das seguintes: paisagem e percepção e paisagem e ensino, estas que atravessam esta pesquisa, pois são vivenciadas e construídas diariamente no cotidiano destes educandos.

### **Paisagem e Percepção**

A percepção da paisagem é rápida, é por meio desta que o sujeito se vê no mundo, a paisagem salta aos nossos sentidos por meio de sons, odores, tato, paladar, formas e cores. É o som dos pássaros, o gosto do chocolate, o cheiro do mato, a textura das árvores, é por intermédio da percepção que tomamos conhecimento dos fatos cotidianos que por meio da relação do homem com o mundo se apresentam. A fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty (2011) mostra que os sentidos em sua ligação com a espacialidade, permite que nos entendamos enquanto seres no mundo, durante a conexão entre o espaço que é criado a partir de nossa percepção e nossos sentidos.

[...] todos os sentidos devem ser espaciais se eles devem fazer-nos ter acesso a uma forma qualquer do ser, quer dizer, se eles são sentidos. E, pela mesma necessidade, é preciso que todos eles se abram ao mesmo espaço (...) (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 293).

Segundo o autor, o espaço se torna o mediador dos sentidos, sendo este por sua vez, o palco da percepção, pois a junção de ambos, cria a percepção espacial, sendo esta essencialmente a percepção em si. Uma vez que, esta é a junção de sensações e o mundo. A

consequência desta ação é a constituição de um mundo essencial em pesquisas de ensino de geografia o mundo vivido e o mundo percebido.

Para a percepção, o espaço é essencial, é necessário salientarmos que isto não faz com que tenhamos que alegar que este espaço seja singular, que por isto todos os concebam de maneiras iguais.

Neste processo de percepção espacial, o que mais caracteriza a minha percepção e a percepção do outro, e da construção da minha percepção com o ponto de vista do outro é a história de vida que trago na minha bagagem sensorial e de como tem sido articulada minha construção intersubjetiva da realidade (DUARTE, 2005, p. 14).

A interpretação da história de vida dos sujeitos estão ligadas as experiências vividas, e isto, por sua vez, passa pela construção das culturas, essas experiências na paisagem decorrem de uma série de percepções, atitudes e valores. Tuan (2012, p. 28) “um ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio de todos os sentidos”. Ainda para Tuan (2013, p. 19), “a experiência é constituída de sentimento e pensamento”. As motivações sensoriais, os sentimentos associados à paisagem e ao espaço são criados nas experiências vividas.

A apreensão do ambiente, as imagens, suas concepções, as impressões absorvidas e os vínculos afetivos são ímpar em cada ser humano e para que esses laços se construam, é essencial o uso dos sentidos: audição, olfato, paladar, tato e visão. Com base nestas análises, tomamos posse durante esta pesquisa das ideias de Tuan (2013), pois esta pesquisa, tem como base a construção da paisagem a partir dos sentidos e da afetividade que os alunos cegos construíram com a paisagem do suas instituições educacionais.

### **Paisagem e Ensino**

Os PCNs<sup>5</sup>(1998, p. 28) apresentam que a paisagem tem um caráter específico para a Geografia, diferente do utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. Tem sua definição enquanto sendo uma unidade visível e possuindo uma uniformidade visual, caracterizada por fatores de ordem cultural, natural e social, envolvendo espaços e tempos diferentes, entrelaçados ao passado, o presente e, até mesmo, ao futuro. A paisagem é o velho no novo e o novo no velho.

[...] As pessoas têm liberdade de dar significados diferentes para as coisas, e no seu cotidiano elas convivem com esses significados. Uma paisagem, seja de uma rua, de um bairro, ou de uma cidade, além de representar uma dimensão concreta e material do mundo, está impregnada de significados que nascem da percepção que se tem dela. No seu cotidiano os alunos convivem de forma imediata com essas representações e significados que são construídos no imaginário social [...]. Em cada imagem ou representação simbólica, os vínculos com a localização e com outras pessoas estão a

---

<sup>5</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais – É um documento do Ministério da Educação e do Desporto, que contém os parâmetros que devem nortear o currículo da escola fundamental.



todo momento, consciente ou inconscientemente, orientando as ações humanas (BRASIL, 1998, p. 23).

Por outra perspectiva, de qual forma poderíamos tornar o conceito de paisagem significativo para educandos com deficiência visual? Visto que, sendo este um dos conceitos centrais da Geografia, o qual tem o intuito de fazer com que o educando venha a compreender o mundo à sua volta. E como desenvolver um trabalho que venha a ser construído a partir da sua vivência sensorial ou usando dos seus sentidos? Onde este conceito mesmo que não possa ser visualizado, seja desenvolvido e construído a partir do que é ofertado pelo educador as seus educandos em suas práticas cotidianas? Por intermédio do que Ventorini (2009), nos diz, a experiência vivenciada por cada educando cego é um fator importantíssimo na sua percepção espacial. Representar o que se acha “ver”, está imbuída de uma lógica matizada pelos outros sentidos. Se torna necessário que o educador, esteja disposto a utilizar novas metodologias em suas aulas. Conversando com os discentes a construção do conceito de paisagem, expondo as relações existentes entre o ser humano e o que está em seu entorno.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando em como se desenvolvia a construção desde conceito para os educandos, após as aulas, foi aplicado um questionário junto ao professor (a) da UEES, onde foi obtido os seguintes dados:

### Quadro 3: Conversa informal com o educador (a) (2023).

1. Formação:	Licenciado em Geografia com Especialização em Educação Especial.
2. Tempo de serviço na educação?	30 anos de carreira, sendo os 10 primeiros anos no ensino básico e os 20 Educação Especial.
3. De que forma ingressou na Educação Especial?	REMANEJADO (2003) – Para uma equipe de professores que trabalhariam enquanto uma complementação pedagógica.
4. Como o conceito de paisagem é trabalhado com os alunos cegos?	“A gente trabalha com aulas dialogadas, descrição de imagens e passeios pelos espaços da UEES para a familiarização, as aulas são mais voltadas para o conceito de paisagem natural e paisagem cultural, caracterização da cidade e do campo.”
5. Como esses alunos mostraram o entendimento pelo conceito?	“Depois de explicar sobre o conceito de paisagem é perguntado ao educando se ele compreendeu, se acaso ele disser que sim, é pedido que ele exemplifique um tipo de paisagem.”
6. Como podemos possibilitar e aguçar os alunos cegos a fim de que compreendam a importância do homem como agente das mudanças na paisagem?	“Não tem como trabalhar isso com ele, por que é mais visual. Como vou levá-lo em um terreno baldio e depois de anos retornar com ele pra ele tocar onde o homem construiu agora. A gente não tem como mostrar o antes e o depois. Então trabalhos com a aula dialogada e com o imaginar: vamos imaginar uma floresta que foi devastada para fazer uma plantação ou construção de um prédio.”
7. Como levar o aluno a interpretar a paisagem de uma maneira diferente, além da descrição?	“Antes nos livros descreviam a paisagem como o que a visão alcança. Atualmente temos livros que citam que paisagem é o que podemos ver e perceber. Então é a deixa para trabalhar com um aluno que tenha



	deficiência visual os seus demais sentidos, como o olfato, o tato e os outros.”
8. De que forma o professor percebe a construção do aluno em relação a esse conceito?	“Olha no nosso caso aqui a gente trabalha muito com aquela questão, você comenta e pergunta: então me dê um exemplo de algo que você percebe na paisagem vindo pra cá que chamou sua atenção, sempre questionando para perceber de que forma ele compreendeu.”

**Fonte:** Autora (2023).

Portando, o educador afirma que é difícil desenvolver outras metodologias para trabalhar com educandos, é válido ressaltar que eles tinham mais uma educadora licenciada em geografia, a qual desenvolvida trabalhamos interdisciplinares com a professora de artes com os educandos, os levando a jardins sensoriais, como forma de compreenderem tanto a paisagem, quanto o lugar que estavam vivenciando, o educador também complementa, dizendo que anteriormente eles tinham uma máquina de impressão em 2D, onde faziam os mapas. A educadora que desenvolvida a ponte para uma educação interdisciplinar não faz mais parte do corpo docente, está por vezes fazia a impressão de mapas para as suas aulas, até que a máquina infelizmente quebrou e posterior a isto, nunca foi concertada, ele relata ser uma grande perda, pois era uma das formas essenciais de trabalhar a paisagem com os educandos. Ele ainda ressalta ser difícil tirar os educandos da UEES e fazer um campo, pois requer um cuidado dobrado. Portanto retorna com a afirmação de a melhor forma de se trabalhar com os educandos é a descrição deste conceito e como ele pode se apresentar em seu dia a dia.

### **A compreensão dos educandos sobre a paisagem**

Os estudantes deficientes visuais tendem a seguir um caminho cognitivo diferente, no que tange a construção de seus conceitos espaciais. É importante observar o aluno para se entender o seu modo particular de compreender e vivenciar o seu espaço. Para que posteriormente, se possa abordá-lo para entender suas particularidades, o que já foi ensinado ao discente em sua instituição é expresso pelos mesmos no decorrer das conversas informais. Os discentes que participaram da pesquisa foram bem acessíveis acerca do que entendiam. Em observações feitas, percebeu-se que a instituição é familiar para todos, sabiam se locomover e localizar os pais, em qualquer espaço, iam guiados pelas vozes e pela parede ou bengala. Os discentes pouco a pouco foram desenvolvendo os conceitos que seriam trabalhados e outras curiosidades que eram levantadas no decorrer nas aulas.

Os alunos descreviam a paisagem como “algo bonito”, “flores”, “a casa”, “um lugar bonito, com árvores, plantas, conectavam a paisagem a tudo que remetia a visão”. Pois, foi que aprenderam em sala de aulas de suas respectivas instituições, os relatos eram descritivos. Neste momento percebe-se o quanto os materiais táteis justamente com uma didática acessível tornam-se uma ferramenta facilitadora da aprendizagem do aluno, o qual pode utilizar da sua

seus diversos espaços. Não basta somente explicar o que seria a paisagem é necessário que as mesmas sejam conectadas com o seu cotidiano, pensando nisto, eles passaram a tatear as maquetes que lhe foram entregues.

**Figura 4:** Discente tateando a maquete.



**Fonte:** Autora (2023).

Nesta imagem, a educanda tateava a maquete e explicava o que compreendia e o que seriam para ela os pontos onde estava pegando/sentindo. É necessário que o educador deixe que o educando primeiro construa sua compreensão para depois auxiliá-lo em um melhor embasamento e compreensão.

Para o ensino da paisagem adotou-se o uso de maquetes táteis com o seguinte cronograma: (i) perguntava-se o que o aluno entende sobre o significado de paisagem; (ii) explicava-se o conceito sobre o que seria a paisagem para alguns estudiosos; (iii) chegava-se ao ponto principal, de interrogá-los sobre o que seria a paisagem para eles e como ela pode ser representada para os mesmos em seu cotidiano.

Na fase inicial do projeto a pesquisadora ao adentrar em sala de aula ouviu de todos “A paisagem é tudo que podemos ver”. Então eu lançava a seguinte pergunta: “então está sala é uma paisagem?” A maioria respondia prontamente que “Simmmmm!” E outros ficavam em silêncio. Desencadeava assim o tipo de paisagem que eles se apropriavam com maior facilidade, portanto, a maquete se tornou uma forma curiosa e exploratória.

#### **Quadro 4:** A compreensão dos educandos

**Algumas compreensões dos mesmos sobre a paisagem e o lugar. Decidiu-se citar para cada aluno como AC (aluno com cegueira); ABV (aluno com baixa visão) e AVR (aluno com visão residual).**

**E – “Considerando o que você já aprendeu sobre a paisagem o que ela significa para você”?**

AC1 – “É o que a gente vê tia, ex: Um desenho”.

AC2 – “É o que a gente vê, deve ser um lugar bonito, com plantas e flores”.



AC3 – “Flores”
AC4 – “Paisagem, a paisagem eu acho que é algo mais visual”.
AC5 – “É bonita”
ABV1 – “É a natureza, eu vejo ela”.
ABV2 – “É um lugar com flores, bichinhos, é o que eu posso ver”.
ABV3 – “É isso que ele falou tia, um lugar com arvores também, tudo o que vejo”.
AVR1 – “A gente vê, e tudo o que a gente vê”.

**Fonte:** Autora, (2023).

Na explanação sobre o significado para cada aluno, foi possível identificar que ao ser trabalhado o conceito de paisagem em suas escolas, não foram desenvolvidas formas de representação da paisagem como é o caso da utilização de matérias táteis. Tal situação dificultou o seu aprendizado, pois segundo relato de um dos alunos “O professor fazia a paisagem no quadro tia, mas eu não vejo, então é ruim de entender”<sup>6</sup>.

São estas atitudes que fazem com que os alunos com deficiência visual não venham a compreender e assim desenvolver suas percepções sobre o espaço vivenciado e os conceitos que os circundam. Neste sentido Mota et al. (2014) destaca que:

No ambiente escolar muitas vezes a interação desse aluno com os demais colegas é prejudicada pelo professor devido a sua exclusão em atividades que utilizem a visão. A falta de informação de educador ou o medo de expô-lo a esse tipo de atividade acaba por diminuir o contato e as descobertas desse estudante com o meio que o cerca. O conhecimento desses aspectos é importante, visto que auxilia o educador a direcionar seu trabalho em sala de aula, pois o mesmo terá de ampliar seus conhecimentos e sua ação educacional às características particulares dessa criança. (MOTA et al., 2014).

Indo por estas explanações citadas, destacamos duas possíveis respostas para algumas ações de professores: 1) É que o professor não possui metodologias que ele possa usar com o aluno e; 2) O educador opta por não desenvolver metodologias, sejam estas táteis ou não, pois, estas lhe dariam muito “trabalho”. Como foi relatado por outra mãe “O professor disse que criar metodologias pra ela gasta tempo e então por isso que ele não passa nada pra ela, ela somente vai pra ficar na sala e pra pegar a frequência.”<sup>7</sup>

Sendo assim, o ensino-aprendizagem do discente fica comprometido, pois é a partir das explanações nas aulas expositivas e dialogadas que este poderá entender/compreender o espaço ao seu redor, compreender o significado de cada conceito que foi trabalhado em sala e desenvolvê-lo em seu cotidiano, de forma mais fixa, e não de forma insegura. Quando se pensou levar para aulas maquetes táteis para auxiliarem em ambos os conceitos, buscou-se também, fazer com que os mesmos tivessem curiosidade em aprender o conteúdo que seria ministrado.

<sup>6</sup> Trecho retirado da entrevista, pós-aula.

<sup>7</sup> Trecho retirado de uma conversa informal com a mãe de um aluno.

Quando se chegou ao a sala para aplicar a aula, os mesmos foram guiados para a cadeira e colocavam as mãos sobre a mesa e diziam “O que é isto? Posso sentir/tocar?”, rapidamente respondido que sim, uns diziam “Isso parece grama tia” e realmente a maquete feita sobre a paisagem era um representativo sobre a grama. Quando eles sentiam a paisagem cultural, eles tinham mais dificuldades, pois, a mesma tinha mais elementos, pensando nesta complexidade, foi pensada uma legenda tátil para auxiliar na exploração da maquete, eles ficaram intrigados com as diversas formas de prédios que lhe foram postas, as ondulações nas calçadas e as ruas. Pela textura e traços, eles logo sabiam qual era a rua.

Ao analisar as repostas, pode-se enriquecer as conceituações a respeito da paisagem, do lugar e espaço, considerando o imaginário e as apropriações espaciais do deficiente visual. Ao indagá-lo sobre a conceituação dos mesmos, sua resposta serve como base para reflexão para uma não homogeneização destes “[...] as coisas mudam de acordo com o espaço geográfico que você está se referindo<sup>8</sup>”, ou seja, a reprodução desses espaços não acontece de forma igualitária, isto implica no comportamento da pessoa com deficiência. Ainda nesse aspecto, os comportamentos interpessoais também definem as espacialidades e influenciam na compreensão espacial referente a paisagem.

Outra questão relevante encontrada nas observações e que deve ser destacada é a apropriação desse espaço pelo aguçamento da audição, do tato e do olfato pelo deficiente visual, a audição e o tato são dois exemplos destas, pois, segundo um dos alunos “Tia, essa sala é pequena né? Ela transmite um eco alto quando falamos, nunca tinha entrado nela, pois o piso também é diferente das outras salas”<sup>9</sup>. Essa situação demonstra a capacidade de interpretação da paisagem espacial por meio dos demais sentidos, o que pode criar reinterpretações sobre o espaço, e muitas vezes isso é deixado em segundo plano pelos videntes e pela própria ciência geográfica. Por fim, atentamos para a questão da produção do cotidiano com a conceituação do lugar.

Carlos (1999, p.168) descreve, “O cotidiano, como conjunto de atividades e relações, efetua-se num espaço e num tempo social: o lugar e suas temporalidades”. No que compete à dependência na produção do cotidiano para que se estabeleça o lugar, os discentes confirmam com o autor citado anteriormente, quando afirmam que a suas relações sociais, seja na escola, casa, ou no futebol, podem ser definidos como tais. “[...] são esses os espaços que vivo e por

---

<sup>8</sup> Discente com cegueira durante a explanação sobre o espaço geográfico.

<sup>9</sup> Discente com cegueira durante a aplicação da aula sobre lugar e o espaço geográfico.

que leve eu brinco com meus amigos, até aqui tia também, conheci várias pessoas e tenho aulas de música, vou aprendendo um pouco com cada amigo e professores<sup>10</sup>”.

“Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”. (OAKESHOTT, 1993 Apud TUAN, 1983).

Assim buscou-se observá-los, a cerca de suas experiências e de sua capacidade de aprender a partir da própria vivência. Pois, segundo Tuan (1983, p. 10), “experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é uma construção da experiência, uma criação de sentimento e pensamento”.

Sobre os objetivos que foram postos e importante explanar como foram alcançados: **1) Analisar as metodologias que estão sendo utilizadas na construção do conceito de paisagem para educandos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental com deficiência visual UEES José Álvares de Azevedo em Belém-PA:** Está análise de seu a partir das observações feitas em campo e de conversas informais com os educadores; **2) Investigar as formas de construção do conceito de paisagem na UEES José Álvares de Azevedo entre os educandos que estiverem nas classes do 6ª ao 9º ano do ensino fundamental:** As formas de construção, segundo a própria entrevista do educador(a) é a descrição e caracterização da paisagem com aulas dialogadas; **3) Identificar as metodologias utilizadas no processo de ensino/aprendizagem referentes ao conceito de paisagem da UEES José Álvares de Azevedo:** Não foi encontrada metodologias que são utilizadas neste processo de ensino/aprendizagem. O que foi observado, é que existe uma transmissão de conhecimento sobre o que seria a paisagem e a partir das explanações do professor(a), o educando explicaria o que compreendeu, se compreendeu e daria um exemplo; **4) Expor a partir da construção do conceito de paisagem e das metodologias utilizadas na UEES José Álvares de Azevedo, qual a compreensão dos educandos sobre o que é a paisagem:** O conhecimento que os educandos trazem de sua escola e com as observações e relatos obtidos dos educadores da UEES, mostra que a compreensão de que a paisagem é algo mais visual, não é modificada nas duas instituições, logo é gerada uma quebra na construção de conhecimento deste educando e a importância da paisagem para o além do ver, pois como pode ser visto no quadro de compreensão destes, a paisagem se torna algo mais visual, sem construção para novas compreensões a partir de outras metodologias para além da descrição;

---

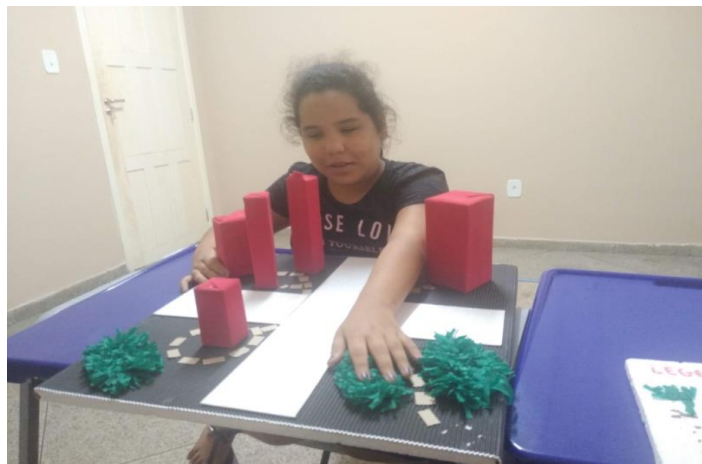
<sup>10</sup> Frase retirada de uma conversa com um dos educandos.



Segundo Sack (2010), de “ver com o corpo”, pois é o que muito foi muito expressivo na observação frente esta pesquisa a campo. O sentido de lateralidade tido pelos observados é impressionante, conhecer um local pelo eco, textura das paredes e o sentimento de uma sala menor mexe com eles, não pertencimento sobre a sala, busca pela exploração da sala, foram partes muito interessantes presentes em leituras que pude exemplificar com as observações feitas. O que está citado no trabalho se enquadram perfeitamente nos conceitos de lugar, o qual se tem/ou não sentimentos de pertencimento, de paisagem tendo em vista que com os toques em busca de conhecer o espaço se foi entendendo e descrevendo o mesmo e o por último com o espaço por demonstrar uma dinâmica fora do que os alunos estavam adaptados, como a frase “Esse espaço é fechado tia, emite ecos<sup>11</sup>”.

O sentir não se limita somente ao que visão alcança, mas ao seu sentir com o corpo e demais sentidos, pois, mesmo que lhes faltem a visão, os discentes possuem os demais sentidos e com os que possui vai se adaptando e descobrindo o espaço que lhe cerca. É necessário que os professores se atentem para a forma que irão ensinar discentes com deficiência visual e que busquem formas de fixar os conteúdos estudados, de modo que o aluno venha fazer uso dos mesmos em seu cotidiano, e respeitado a particularidade de cada discente e seu processo de aprendizagem.

**Figura 5:** Educanda tateando a maquete tátil



Fonte: Autora, 2023.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, é possível compreender a importância da utilização de metodologias que venham a contribuir com o processo de ensino/aprendizagem de alunos com

---

<sup>11</sup> Frase tirada de uma aula com um aluno.

deficiência visual, ressaltando a importância que as maquetes táteis tiveram para uma melhor compreensão sobre o conceito de paisagem, no qual por vezes não é compreendido para o público-alvo pelo fato de ter um apelo visual maior. Entretanto, isto não impede que o educando venha a compreender está de uma outra maneira. Mas para que isso ocorra, se faz necessária também uma formação continuada dos educadores voltada para a educação inclusiva e sobre ferramentas metodológicas, até oficinas para que estes educadores estejam preparados para receber estes educandos. Pois, é por meio da ciência geográfica que os educandos irão construir o seu conhecimento de mundo e assim desenvolver seu senso crítico, e descobrir vários caminhos que irão possibilitar a sua vivência concreta.

Ao se optar por trabalhar o conceito de paisagem com educandos com deficiência visual, esperava-se que a maior dificuldade estaria neste conceito ser bastante visual, porém não sendo a única maneira de compreendê-la. Volto a ressaltar o que foi citado por (PORTO 2007, p. 25) ressaltando que, "o invisível aos olhos do cego não é invisível a sua sensibilidade, intencionalidade e interioridade". portanto, o sentir, o ver com o corpo foi essencial durante a utilização das maquetes táteis. Torna-se, portanto, necessários maiores estudos sobre como a ciência geográfica se apresenta para o público-alvo desta pesquisa e como são trabalhos seus demais conceitos.

## REFERÊNCIAS

- \_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei nº 8069, de 13 de Julho. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília, MEC, 1990.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. LBD 9.354, de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão**. Brasília, DF, jan. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- \_\_\_\_\_. Resolução CNE/CEB n.º 2, de 11 de setembro. **Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica**. Câmara de Educação Básica, Conselho Nacional de Educação, Brasília, DF, 2001.
- \_\_\_\_\_. Resolução n.4, de 2 de outubro de 2009. Institui **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Brasília, DF, 2009. 3p. Disponível em: [http://peei.mec.gov.br/arquivos/Resol\\_4\\_2009\\_CNE\\_ceb.PDF](http://peei.mec.gov.br/arquivos/Resol_4_2009_CNE_ceb.PDF). Acesso em: 20 de set. 2022.



**Leinº 10.172**, de 09 de janeiro de 2001a. Aprova o Plano Nacional de educação e dá outras providências. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm). Acesso em: 25 de set. 2022.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.611**, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20072010/2007/Decreto/D6278.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2007/Decreto/D6278.htm). Acesso em: 27 de out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.612**, de 17 de novembro de 2011. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20072010/2007/Decreto/D6278.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2007/Decreto/D6278.htm). Acesso em; 29 out. 2022.

\_\_\_\_\_. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. PCNs- **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

\_\_\_\_\_. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994. Disponível em:

<http://www.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. ONU, 1948.

ARRUDA, Luciana Maria Santos de; BOAS, Priscila Baldner Villas; JÚNIOR, Hilton Marcos da COSTA Silva; MAGALHÃES, Gabrielle Ramalho de; ROCHA, Ana Angelita. **A Construção da Geografia Ensinada e Apreendida** – Um olhar no cotidiano escolar do Instituto Benjamin Constant. Anais... Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre, 2010.

ARRUDA, Luciana Maria Santos de. **A geografia frente à ressignificação do conceito de paisagem**: a (re) construção desse conceito através dos sentidos no cotidiano dos alunos deficientes visuais. Monografia do Curso de especialização Saberes e Práticas na Educação Básica. UFRJ, 2011.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC. 1999.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.



MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PORTO, Eline. **A corporeidade do cego: novos olhares**. São Paulo: Unimep: Memnon, 2005. 127p.

SACKS, Oliver. **O olhar da mente**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

STRAUS, Erwin. (1935/1963). **O mundo primário dos sentidos**. Uma reivindicação da experiência sensorial. Londres: The Free Press of Glencoe, Collier-Macmillan Limited.

Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-68672020000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672020000200007). Acesso em: 20 de Jun. de 2023.

TONINI, Inaine Maria. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos**. 2. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**; tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UNESCO, **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jontiem/Tailândia, 1990.

VENTORINI, Silva Elena. **A experiência como fator determinante na representação espacial da pessoa com deficiência visual**. São Paulo: UNESP, 2009.

WERNECK, Claudia. **Textos da mídia legal, 5: especialistas pela não-discriminação/concepção, organização e realização Escola de Gente - Comunicação em Inclusão; organização, produção e edição do conteúdo Marcela Vecchione; coordenação e organização do projeto Claudia Maia; revisão e supervisão geral Claudia Werneck**. Rio de Janeiro: WVA Ed., 2008.